

O tango e a identidade nacional argentina: possibilidades de pesquisa a partir da obra musical e fílmica de Libertad Lamarque

Alessander Kerber¹

Em minha tese de doutorado (KERBER, 2007), analisei e comparei as representações das identidades nacionais argentina e brasileira a partir das músicas interpretadas pelos artistas de maior sucesso no rádio e indústria fonográfica nestes países no contexto de massificação destes meios de comunicação e de renegociação das identidades nacionais em ambos os países: Carlos Gardel e de Carmen Miranda. A análise realizada comprovou que estes artistas atuaram como mediadores nas lutas de representação relacionada à definição da identidade nacional, apresentando versões acerca dela. Comprovou, também, que estes artistas ressignificaram, como nacionais, alguns símbolos de identidades regionais, populares e étnicas.

O artigo aqui apresentado apresenta considerações sobre o projeto de pesquisa de pós-doutorado. Proponho uma análise acerca daquela que foi considerada “Reina Del Tango”: Libertad Lamarque. Parte-se da hipótese (já observada em algumas das fontes) de que essa artista, tal como Carlos Gardel, atuou como mediadora no processo de definição sobre a identidade nacional, mais especificamente, nas relações entre a música popular e a nação.

Libertad Lamarque gravou discos, atuou no rádio e no cinema na Argentina de 1926 a 1945, sendo essa a delimitação cronológica desta pesquisa. Esse período não demarca apenas a trajetória da artista, mas um período marcado, na história argentina, por um processo de lutas de representação, como as define Roger Chartier (1990), para a redefinição dos símbolos da identidade nacional.

¹ Doutor e pós-doutorando em história. Professor Adjunto do Departamento em História e do PPG em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Hobsbawm (1990) define o período entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundiais (que compreende o enfoque nesta pesquisa) como o momento máximo do nacionalismo em todo o mundo e, conseqüentemente, momento em que as lutas e negociações sobre a identidade nacional estiveram mais em evidência. Em relação à América Latina tal período marca o que Cueva (1977) define como período de decadência dos estados que ele chama de oligárquicos². Na Argentina, tal período é marcado pela decadência do poder político de elites tradicionais, bem como pela emergência de segmentos anteriormente excluídos do Estado e das representações da identidade nacional. A grosso modo, esse processo tem início com a vitória eleitoral de Hipolito Yrigoyen, da União Cívica Radical, em 1916, um retrocesso durante a década de 1930 e uma novo enfoque a partir da emergência política do peronismo.

Nesse processo de lutas de representação, alguns símbolos de identidades³ populares, étnicas e regionais, anteriormente excluídos das representações nacionais, passam a ser apresentados como legitimamente nacionais e, às vezes, síntese da própria nação. Ao comparar a construção das identidades nacionais no Brasil e na Argentina, Capelato (1996) aponta para a dimensão das questões étnicas e regionais nesses processos, afirmando que no século XIX, os debates sobre as questões étnicas não chegaram a ganhar consistência teórica entre os intelectuais argentinos. Naquele contexto, o projeto liberal, que propôs a dicotomia “civilização X barbárie” expressava o desejo de identificação dos argentinos com os europeus e norte-americanos, recusando o passado hispânico e indígena” (p. 332). Contudo, a partir dos anos 1920 houve uma mudança significativa:

A concepção de massas dos nacionalistas dos anos 1920-30 não é a mesma dos liberais. Os primeiros nacionalistas argentinos se preocuparam com as

² Existe uma ampla discussão sobre o conceito de “oligárquico” em função de ser anacrônico, ou seja, não identificado pelas pessoas que viveram no contexto definido como tal. Não considero importante, aqui, entrar neste debate. O que nos interessa é a decadência do poder político das elites tradicionais na Argentina a partir da vitória eleitoral de Hipólito Yrigoyen, em 1916, bem como sua influência sobre as representações das identidades nacionais.

³ Ao analisar a construção de identidades, Chartier aponta para as perspectivas que a história cultural trouxe a esta questão. Distinguindo-se de duas visões – uma que as via como resultado de imposições de representações e resistências contra estas; e outra que as via como exibição de uma unidade construída a partir de um grupo –, o autor afirma que: “Trabalhando sobre as lutas de representações, cujo objetivo é a ordenação da própria estrutura social, a história cultural afasta-se sem dúvida de uma dependência demasiado estrita em relação a uma história social fadada apenas ao estudo das lutas econômicas, mas também faz retorno útil sobre o social, já que dedica atenção às estratégias simbólicas que determinam posições e relações e que constroem, para cada classe, grupo ou meio, um ‘ser-percebido’ constitutivo de sua identidade.” (2002: 73)

massas de estrangeiros que se radicaram no país em consequência da política imigratória levada a cabo pelos governos liberais. [...] Segundo os nacionalistas, a presença massiva dos imigrantes e a consequente formação de um *crizol de razas*, teria provocado uma crise de identidade nacional, por isso, empenharam-se na luta em prol da 'renacionalização' do país. A solução encontrada para reforçar a nacionalizada foi a revalorização do passado colonial hispânico. A geração de escritores do início deste século [...] modificou o lema criado pela geração dos liberais 'governar é povoar' para 'governar é argentinizar'. A busca de identidade se inicia com a afirmação do interior (campo) recuperado pelo viés espiritualista, purificador, frente ao cosmopolitismo materialista da cidade. (CAPELATO, 1996, p. 333)

Parte-se do pressuposto de que o Estado não determina a Nação, mas que o processo político influencia e é influenciado pelas definições socialmente aceitas acerca da identidade nacional. Na Argentina, o processo de inclusão política de segmentos sociais excluídos não ocorreu através de uma revolução⁴, mas uma vitória eleitoral, em que Hipólito Yrigoyen, da União Cívica Radical, venceu as eleições com 45,6% do total de votos. Os governos de Yrigoyen, na Argentina (1916-1922 e 1926-1930), inauguraram uma nova relação entre Estado e trabalhadores e iniciaram um apelo para uma política de massas⁵, trazendo, para o cenário político, segmentos sociais não pertencentes às elites⁶.

Obviamente que o caráter popular no governo Yrigoyen não foi tão explícito quanto no posterior governo Perón. Poder-se-ia afirmar que as condições históricas que proporcionaram o apoio de uma classe operária a Perón não existiam no contexto de Yrigoyen, porém isso não impossibilita identificar a emergência de segmentos populares através deste último presidente. Como afirmam Fausto e Devoto:

⁴ Houve uma tentativa revolucionária em 1905, e, depois, uma acomodação em função da concessão do sufrágio em 1912, e, finalmente, uma vitória eleitoral em 1916.

⁵ Posteriormente, os governos de Perón levaram esse apelo às massas ao seu extremo. Capelato (1991, p. 51-63), no artigo "Fascismo: uma idéia que circulou pela América Latina", analisa a influência das idéias fascistas nos regimes de Vargas e Perón, concluindo que eles não podem ser classificados como fascistas, apesar de sofrerem grande influência destes. As idéias fascistas circularam pela América Latina entre as décadas de 1930 e 1940, influenciando, especialmente, em dois aspectos: no desenvolvimento do nacionalismo e na emergência do estado autoritário que atuou mais sobre a cultura nacional.

⁶ Inúmeras vezes o governo interveio nas greves intercedendo em favor dos empregados, desde que eles não se opusessem frontalmente contra o modelo agroexportador. Neste sentido, como no caso brasileiro, percebe-se que, no radicalismo, o Estado não se coloca mais como representante direto de uma elite, apesar de também não se colocar como representante de uma classe operária, mas sim, um elemento autônomo que negocia com ambos. Conforme Ansaldi, a UCR, em 1916, afirmava não estar com ninguém nem contra ninguém, mas sim com todos e para o bem de todos, ou seja, apresentava-se como uma síntese da nação argentina (1989, p. 53).

Ao contrário do que ocorreria com Perón, Yrigoyen não conseguiu obter o apoio da classe operária organizada, embora tivesse votos em amplos setores populares. Em seus primeiros anos de governo, realizou uma política de calculada aproximação com os sindicatos e os trabalhadores em geral, na qual se desenhava a intenção de atribuir ao Estado um papel ativo de articulador das relações entre operários e patrões (2004, p. 238).

Romero dividindo-a em três etapas a inclusão de setores populares na política e na representação nacional. A primeira etapa, que se estenderia de 1880 a 1910, foi caracterizada pela imigração massiva que “*modificó sustancialmente la fisonomía de los sectores populares – mucho más que la de la elite*” (1989, p. 33). Romero enfoca elementos que uniam a diversidade existente entre estes segmentos populares, que abarcavam os “*gauchos*”, os diversos grupos populares que já habitavam as “*orillas*”⁷ de Buenos Aires e os diversos grupos étnicos que vinham da Europa:

Los unia la común inestabilidad ocupacional, o el haciamiento em los conventillos del centro o de la Boca, cerca de sus trabajos (cosa indispensable en una ciudad sin medios masivos de transporte, y unas condiciones de vida muy duras para todos. Esas condiciones, y la espontánea necesidad de cooperación, empujaron a la constitución de las mutuales, las asociaciones por nacionalidades, las sociedades de resistencia, los primeros sindicatos por oficio, y otras muchas formas asociativas [...] De la suma de estos elementos, y en una coyuntura de alta conflictividad, cristalizó la identidad inicial de los sectores populares porteños. Se definieron como trabajadores [...] y como contestatarios de un sistema que creían se podía derribar para construir sobre sus ruinas uno más justo y más racional, que permitiera un desarrollo más pleno de las potencialidades humanas de los oprimidos. Esta identidad daba el tono general a un conjunto social en el que no faltaban, naturalmente, quienes confiaban en su capacidad para adecuarse a la sociedad existente y prosperar en ella. Pelo la contestación dominaba sobre la adaptación (1989, p. 34-36).

Obviamente, este domínio da contestação foi elemento fundamental para, pouco depois, ter sido eleito Yrigoyen e a UCR, entrando no que Romero define como segunda etapa da história dos setores populares, que coincide com o período desta pesquisa, transcorrendo as décadas de 1910, 1920 e 1930. Afirma, ele, que, depois do “Centenário”, em 1910, e mais claramente, depois da Primeira Guerra, o “clima” dos setores populares mudou substancialmente, impulsionado pelas mudanças políticas geradas pela lei Sáenz Peña:

La movilidad social, o su imagen, unida a las transformaciones ecológicas, dio lugar a las nuevas sociedades constituidas en los barrios. Fue una

⁷ A expressão “*orillas*” se refere aos subúrbios de Buenos Aires.

sociedad popular, antes que específicamente trabajadora, y el arco social que se identifica con ella, difícil de circunscribir en categorías ocupacionales o en relaciones de clase, penetra profundamente en lo que luego se llamaría las clases medias. La integraban muchos trabajadores, pero con ellos pequeños comerciantes, maestros, profesionales de barrio, dueños de talleres, y también todo tipo de desocupados [...] (ROMERO, 1989, p. 36).

Em nível do imaginário político, há uma emergência de grupos de caráter popular, étnico e regional em oposição às elites tradicionais de determinados estados da federação. Este processo político teve consequência sobre a identidade nacional, pois estes grupos populares tiveram, a partir de então, mais força para impor as representações de suas identidades como nacionais. Ao comparar os casos argentino, brasileiro e mexicano e analisar os discursos de Yrigoyen, Vargas e Madero, Wasserman afirma que:

Os objetos discursivos centrais contidos nos três manifestos [de Vargas, Yrigoyen e Madero] são: a questão da democratização política, as desigualdades regionais, a questão do desenvolvimento econômico e a questão da dependência externa (2002, p. 38).

Ainda:

Operários, setores médios urbanos, camponeses, oligarquias periféricas e descontentes, burguesia industrial incipiente e abandonados em geral pelo sistema, levantaram-se contra as oligarquias ao mesmo tempo em que se apresentava a vulnerabilidade do sistema econômico. Madero, Yrigoyen e Vargas indicavam o caminho da ordem constitucional, da participação política e do sufrágio universal como panacéias para os males da Nação e, assim, passaram a ‘encarnar a vontade geral’, como se fossem os ‘salvadores da Pátria’. [...] Os discursos antioligárquicos de Madero, Vargas e Yrigoyen acabaram funcionando como referências básicas no imaginário constitutivo de seus países. Conhecidos como ‘apóstolo de la democracia’, ‘pai dos pobres’ e ‘defensor del pueblo’, foram responsáveis por discursos e práticas que instauravam um novo sentido à Nação e aos sentimentos de pertencimento (2002, p. 171-173).

O contexto focado nesta pesquisa é o de massificação, na Argentina, do rádio, da indústria fonográfica e do cinema. O processo de definição das representações nacionais é mediado, em grande medida, por alguns dos artistas de maior sucesso nestes meios, como Carlos Gardel e Libertad Lamarque.

As relações entre o nacional e o regional na escolha de representações musicais da nação também foram espaço de disputa no caso argentino. Fileiras de autores formaram-se contra a idéia de Iburguen (1999), que sustentava que o tango não era argentino e sim um mero produto da mestiçagem ocorrida nas “*orillas*” de Buenos Aires. Autores como Ferrer

(1999) e Sabato (2005) criticam esta noção, afirmando ser, o tango, um produto autenticamente argentino:

Pero que si es cierto que el tango es un producto del hibridaje, es falso que no sea argentino; ya que, para bien y para mal, no hay pueblos platónicamente puros [...] Negar la argentinidad del tango es acto tan patéticamente suicida como negar la existencia de Buenos Aires (SABATO, 2005, p. 12).

Este debate sobre a “argentinidade” do tango poderia ser, em muito, desenvolvido, a partir do aporte teórico da nova história cultural, o qual nos permite a crítica à noção de autenticidade, bem como a visão de que existe um processo de construção, em que se manifestam relações de poder, dos símbolos de cada identidade (como o tango em relação à identidade nacional argentina). Neste sentido, não é simplesmente a constatação da origem de um estilo musical, o que o torna representação de uma identidade, mas o jogo de significação e de poder entre os desejos presentes no imaginário social.

Martinez, Etchegaray e Molinari (2000), ao analisar a origem do tango, estes autores identificam sua formação através de um processo de miscigenação. Assim, a música popular existente na Argentina na primeira metade do século XIX foi “protagonizada” pelos negros em seus bailes e difundida entre outros meios étnicos. Deste modo, a herança africana teria sido uma das bases de origem do tango mesmo quando da saída dos negros da região. De outro lado, nos salões do centro da cidade dançavam-se música européias, como valsa, polca, minueto e gavota.

Es obvio que el pueblo criollo le incorporará variaciones y transformará estas danzas agregándoles figuras que ya tiene incorporadas y que en peral, provienen de la contradanza. En este sentido, el ambiente de las pulperías y del arrabal permiten más reactividad, mientras que el ambiente prostibulario posibilita el mayor acercamiento de la pareja, que se abraza, y en forma simultánea, la aparición de letras procaces o alegres (MARTINEZ; ETCHEGARAY; MOLINARI, 2000, p. 61).

Os autores analisam o desenvolvimento da poesia gauchesca, identificando sua influência sobre as letras dos tangos. A poesia “gaucha” é formada a partir da língua espanhola, mas com uma série de palavras criadas na América, ou como gírias ou extraídas

das línguas nativas⁸. O *lunfardo*, a gíria portenha, e, conseqüentemente, as letras de tango tiveram uma grande influência destas palavras “*gauchas*”.

A aceitação do tango como representação nacional argentina foi resultado de um amplo processo de negociação, de lutas simbólicas e de afirmação de algumas das identidades em relação a outras. É esse processo de negociação ou de lutas de representação que se pretende analisar as músicas gravadas por Libertad Lamarque.

Libertad Lamarque nasceu na cidade de Rosario, província de Santa Fe, em 24 de novembro de 1908. Começou sua carreira no como cantora aos 18 anos, em 1926, gravando seu primeiro disco. Seu pai, Gaudencio Lamarque, filho de franceses, se casou com uma viúva com seis filhos e, dessa união, nasceu Libertad. Seu pai era anarquista e ela, ainda criança, junto a seus irmãos, já participava de companhias dramáticas para expressar ideais anarquistas em peças teatrais.

Em 1926, Libertad se muda com seus pais para Buenos Aires e estreia na rádio, sendo contratada pela gravadora Víctor. Suas gravações são sucesso de vendagem. Participa de um concurso de cantores no festival realizado no Teatro Colón cantando os tangos “La cumparsita” e “Taconeando”, obtendo o primeiro lugar e o título de “Reina Del Tango”⁹, tornando-se a principal figura feminina do tango. Ela passa a gravar ininterruptamente e realiza turnês por diversas províncias do país e em outros países da América Latina, interrompendo as gravações entre 1934 e 1936, período difícil na vida privada da artista¹⁰. A partir de 1937, Lamarque continua sua carreira de sucesso no rádio, indústria fonográfica e cinema. O término do “reinado” de Libertad na Argentina coincide, não por acaso, com o do início do “reinado” de Evita Perón.

⁸ Como a própria palavra “pampa”, que na língua *quechua* significa superfície plana.

⁹ O segundo e o terceiro lugar deste concurso foram, respectivamente, para Rosita Montemar e Fedora Cabral.

¹⁰ Os problemas estariam ligados ao seu casamento com Emilio Romero. Em 1935 houve uma suposta tentativa de suicídio da cantora, caindo do quarto do hotel em que estava hospedada no Chile. Logo após, o marido “rapta” sua filha e se muda para o Uruguai. Libertad, acompanhada advogado e amigos, vai a Montevideu para recuperar sua filha, conseguindo leva-la de volta a Buenos Aires.

Em sua crônica sobre o caso Blaya (2012) afirma que há três versões para o caso. A primeira e, talvez, mais popular versão, é a de que as duas mulheres competiam pelo amor de Juan Perón. Essa versão é desmentida por Libertad em sua autobiografia. A segunda versão é de cunho ideológico, referindo-se à aversão de Libertad, talvez por influência, em sua formação, de seu pai anarquista, da política de massas estabelecida por Perón e Evita. A terceira versão é a relatada na autobiografia de Libertad (1986). Segundo ela, a briga entre as duas começou na época em que Evita já se relacionava com Perón e tinha um papel secundário no filme “La cavalgata del circo”, de 1945, protagonizado por Libertad. Evita chegava atrasada, atrasando as filmagens, mas os produtores do filme não tomavam nenhuma atitude repressora em relação a ela por saber de seu poder político. As reclamações de Libertad em relação a estes atrasos teriam sido a origem do conflito. O fato é que, a partir da emergência política de Evita, Libertad não conseguia mais papéis na Argentina e teve que se mudar para o México, aonde viveu até o final de sua vida.

O fim do “reinado”¹¹ da “Reina Del Tango” também coincidiu com o fomento peronista pela música folclórica ao invés do tango no rádio. Nesse sentido, seguir a trajetória artista de Libertad na Argentina, analisando sua obra musical, articulando-a com sua obra cinematográfica pode nos dar indícios para compreender o processo de construção da identidade nacional argentina.

Conforme Saikin (2004, p. 181), a cantora Azucena Maizani cantava tangos muito masculinos e vestia, quase sempre, seguindo uma tradição iniciada com Pepita Avellaneda, roupas de homem. Segundo a autora, a participação feminina na interpretação do tango implicou, desde seus inícios, em um fenômeno de mascaramento, havendo muitas cantoras que subiam ao palco vestidas de homem.

Para Horacio Salas (2004, p. 232), a Libertad Lamarque representou uma mudança nesta tradição. Ela representava o estereótipo pequeno-burguês de feminilidade romântica. Uma leitura prévia das fontes musicais e fílmicas que levantei até o presente momento,

¹¹ É interessante que a própria Libertad utiliza as palavras “rainha” e “reinado” com frequência em sua biografia. É recorrente, na obra, a lembrança de que ela recebera o título de “Reina Del Tango” e de que, a partir de 1945, Evita reinou absoluta.

constituídas de¹², permite com que concorde com este autor. Para além disso, permitem com que se levante a hipótese de que Libertad Lamarque teve um papel na aceitação do tango por segmentos sociais médios e de elite na Argentina, auxiliando no processo de afirmação do tango como síntese da identidade nacional argentina.

Bibliografia:

- AGUINIS, Marcos. *O atroz encanto de ser argentino*. São Paulo: Bei Comunicação, 2002.
- ALBERDI, Juan B. *Fundamentos da organização política da Argentina*. Campinas: UNICAMP, 1994.
- ANAYA, Jorge López. *Historia del arte argentino*. Buenos Aires: Emecé, 2000.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo*. São Paulo: Cia. das Letras, 2008.
- ANSALDI, Waldo. Partidos, estado y sociedad en la Argentina radical. 1916-1930. *Cuadernos del CLAEH*, Montevideo, n. 50, 1989.
- ARCHETTI, Eduardo P. O “gaucho”, o tango, primitivismo e poder na formação da identidade nacional argentina. *Mana*, Rio de Janeiro: FAPESP/Museu Nacional, v. 9, n. 1, 2003.
- ATIENZA, Julio de. Genealogia Del tango argentino. *Cuadernos Hispanoamericanos*, Madri, n. 19, 1995.
- AZZI, Maria Susana. *Antropologia del tango: los protagonistas*. Buenos Aires: Olavarría, 1991.
- BACKZO, B. A imaginação social. In: ROMANO, Ruggiero (Org.). *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1985. v. 5, p. 296-331.
- BLAYA, Ricardo G. Libertad Lamarque y Eva Perón: dos muñecas bravas. (disponível em: http://www.todotango.com/spanish/biblioteca/cronicas/libertad_y_evita.asp) consulta em: 12/09/2012.
- BEIRED, José Luis Benedicho. “A grande Argentina”: um sonho nacionalista para a construção de uma potência na América Latina. *Revista Brasileira de História*, São Paulo: ANPUH/USP/CNPq, v. 21, n 42, p. 303-322, dez. 2001.
- BEYHAUT, Gustavo; BEYHAUT, Hélène. *América Latina III – De la independencia a la segunda guerra mundial*. Historia Universal Siglo veintiuno. Madrid: Siglo XXI de España Editores, v. 23. 1986.

¹² Libertad Lamarque gravou, em sua trajetória na Argentina entre 1926 e 1945, 202 canções e 16 filmes.

- BOIA, Lucian. *Pour une histoire de l'imaginaire*. Paris: Belles Lettres, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1996.
- _____. *A economia das trocas lingüísticas*. São Paulo: EDUSP, 1996.
- _____. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- _____. *O poder simbólico*. Lisboa: Bertrand/Difel, 1989.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Identidade e etnia: construção da pessoa e resistência cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CANAL FEIJÓO, Bernardo. *El canto de la ciudad*. Buenos Aires: Albino, 1980.
- CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas híbridas*. São Paulo: EDUSP, 2003.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo*. Campinas: Papyrus, 1998.
- _____. Fascismo: uma idéia que circulou pela América Latina. In: HISTÓRIA EM DEBATE. Rio de Janeiro: ANPUH, 1991. p. 51-63.
- _____. Propaganda política e construção da identidade nacional coletiva. *Revista Brasileira de História*, São Paulo: Contexto/ANPUH, v. 16, n. 31-32, p. 328-352, 1996.
- CARRETERO, Andrés. *El compadrito y el tango: el hombre de la Argentina comercial*. Buenos Aires: Pampa y Cielo, 1964.
- _____. *Tango, testigo social*. Buenos Aires: Pena Lillo / Ediciones Continente, 1999.
- CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.
- _____. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, São Paulo: USP, v. 5, n. 11, 1991.
- _____. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Bertrand/Difel, 1990.
- DIAS, Marcia Tosta. *Os donos da voz*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2000.
- DONGHI, Tulio Halperin. *El espejo de la historia: problemas argentinos y perspectivas latinoamericanas*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1998.
- _____. *História da América Latina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.
- FAUSTO, Boris. (Org.). *Fazer a América: a imigração de massas para a América Latina*. São Paulo: EDUSP, 1999.
- FERRER, Horacio. *El tango: su historia y evolución*. Buenos Aires: A. Peña Lillo Editor/Ediciones Continente, 1999.
- GELLNER, Ernest. *Nações e nacionalismo: trajectos*. Lisboa: Gradiva, 1993.
- GOBELLO, José. *Breve historia crítica del tango*. Buenos Aires: Corregidor, 1999.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HAUSSEN, Doris Fagundes. *Rádio e política: tempos de Vargas e Perón*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos – o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

_____. *Nações e nacionalismo desde 1780*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

IANNI, Octávio. *A formação do estado populista na América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

KERBER, Alessander. *Representações das identidades nacionais argentina e brasileira nas canções interpretadas por Carlos Gardel e Carmen Miranda (1917-1940)*. Porto Alegre: UFRGS, Tese (Doutorado em História), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.

_____. MARTINS, Sabrina. Representações de Eva Perón na imprensa escrita Porto-Alegrense. *Revista Integração Latino-Americana*. Vol. 4. n. 1. Santa Maria: UFSM, 2007.

LANATA, Jorge. *ADN: mapa genético de los defectos argentinos*. Buenos Aires: Planeta, 2004.

LOZANO, Fernanda Gil. Las mujeres, el tango y el cine. *Nuestra América*. N. 2. Buenos Aires, 2006.

LUNA, Felix. *Breve historia de los argentinos*. Buenos Aires: Planeta, 2005.

_____. *Yrigoyen*. Buenos Aires. Editorial Sudamericana, 1988.

MAFUD, Julio. *Sociología del tango*. Buenos Aires: Editorial Americalee, 1966.

MARTINEZ, Roberto L.; ETCHEGARAY, Natalio P.; MOLINARI, Alejandro. *De la Vigüela al Fueye: las expresiones culturales argentinas que conducen al tango*. Buenos Aires: Corregidor, 2000.

MARTÍNEZ, Roberto Luis; ETCHEGARAY, Natalio; MOLINARI, Alejandro. *De Garay a Gardel: la sociedad, el hombre común y el tango. (1580-1917)*. Buenos Aires: Biblioteca Nacional, 1998.

MORIN, Edgar. *As estrelas: mito e sedução no cinema*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

PICKENHAYN, Jorge Oscar. *Estudio sobre el tango*. Buenos Aires: Editorial Plus Ultra, 1999.

PRIETO, Adolfo. 1988. *El Discurso Criollista en la Formación de la Argentina Moderna*. Buenos Aires: Sudamericana.

PUJOL, Sergio. *Las canciones del inmigrante*. Buenos Aires: Almagesto, 1989.

PUNZI, Orlando M. *La Argentina en la época de Gardel*. Buenos Aires: Fundación Banco de la Provincia de Buenos Aires, 1986.

ROJO, Raúl Enrique. Hombres mirando al sur. Em torno de la identidad de argentinos y brasileños. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre: UFRGS, ano 2, n. 4, p. 121-126, jan./jun. 1996.

ROMERO, Luis Alberto. *História contemporânea da Argentina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

_____. Buenos Aires, 1880-1950: política y cultura de los sectores populares. *Cuadernos Americanos*, Mexico: Universidad Autónoma de México, año III, v. 2, 1989.

RUIZ, Irma. Componentes simbólicos de la transregionalización del tango. *Revista Transcultural de Música*. 2. Buenos Aires: Instituto Nacional de Musicología, 1996. Disponível em: <<http://www.sibetrans.com/trans/trans2/ruiz.htm>>. Acessado em: 5 de janeiro de 2007.

SABATO, Ernesto. *Tango: discusión y clave*. Buenos Aires: Losada, 2005.

SAIKIN, Magali. *Tango y género: identidades y roles sexuales en el tango argentino*. Stuttgart: Abrazos Books, 2004.

SALAS, Horacio. *El tango*. Buenos Aires: Emecé, 2004.

_____. *Tiempo presente*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2003.

TELLA, Torcuato S. Di. Las ideologías nacionalistas durante los años 30. In: *A VISÃO DO OUTRO: Seminário Brasil – Argentina*. Brasília: FUNAG, 2000. p. 537-558.

VALENTE, Heloísa de Araújo D. *As vozes da canção na mídia*. São Paulo: Via Lettera/Fapesp, 2003.

VITALE, Luis. *Identidad latinoamericana y música popular: del tango a la salsa*. Buenos Aires: Del Leopardo, 2000.